



Foto: Ricardo Siqueira

Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção

Paulo Roberto Rodrigues Teixeira

Fortaleza é hoje a quarta cidade mais populosa do Brasil, com aproximadamente oito milhões de habitantes. Sua natureza é exuberante. As belíssimas praias banhadas pelas águas esverdeadas do mar, envolvidas por um céu sempre azul, compõem um cenário típico do Nordeste. A moderna arquitetura contrasta com o precioso acervo cultural das casas antigas, projetando-a, pelo seu potencial, para se tornar, futuramente, um dos maiores centros turísticos do Brasil.

É preciso, entretanto, diante da sua grandiosidade, que não esqueçamos que, por trás desta cida-

de, existe uma história que nos empolga, onde homens valentes, enfrentando as adversidades, como a fome, a sede, os índios, os invasores e, ainda, as longas distâncias de apoio, resistiram bravamente, não permitindo que a chama da presença do Brasil Colônia se apagasse. Quatro fortes foram construídos, sendo um pelos holandeses, os demais pelos portugueses, e o último não chegou a ser concluído, o Forte de Nossa Senhora de Assunção, atualmente a sede da 10ª Região Militar. Do núcleo populacional que crescia ao redor desses fortes, ia nascendo uma cidade, a qual receberia o nome de Fortaleza.



Capitania do Ceará, detalhe. O pequeno fortim de São Tiago apesar de abandonado, ainda aparece na planta da capitania



Antecedentes

No início da colonização do Brasil, o território atual do Ceará compreendia uma área doada a três capitães hereditários: João de Barros, Antônio Cardoso e Fernando Álvaro de Andrade. Pertenciam à nobreza de Portugal, entretanto, não tinham recursos suficientes para investir nas capitanias, a fim de transformá-las em colônias prósperas. Por outro lado, a situação no final do século XVI era preocupante. A ocupação da colônia portuguesa era efetiva na área que se estendia de São Vicente até Rio Grande do Norte. O espaço situado além desse território era ocupado por índios e, pouco a pouco, começava a ser objeto da cobiça estrangeira.

Os franceses tinham estabelecido uma colônia no Maranhão já em 1594, a França Equinocial; os holandeses tinham começado a fortificar a foz do Xingu em 1599 e, na década seguinte, no próprio Rio Amazonas; ingleses e irlandeses também construíram fortificações no atual Amapá. O perigo era latente, os portugueses começaram a se preocupar com a ameaça estrangeira.

Em 1603, Pedro Coelho de Souza, um comerciante e proprietário de terras na Paraíba, organizou uma expedição para tentar colonizar o Maranhão e expulsar os franceses, não conseguindo lograr êxito, face a resistência de pequenos núcleos formados por franceses e indígenas ao longo do trajeto. Logo após, foi buscar socorro na Bahia, para solucionar o problema da escassez de alimentos, ves-



Martim Soares Moreno “...o verdadeiro fundador da Capitania do Ceará”, segundo Varnhagem

Foto: Alex Uchôa

tuários e munição, que se agravava a cada dia, permanecendo no Ceará o Capitão Simão Nunes Correia, que deixou construído, à margem do Rio Ceará, no local hoje conhecido como Barra do Ceará, o Forte São Tiago e deu o nome de Nova Lisboa ao povoado que se formou em torno dele. No entanto o apoio demorou a efetivar-se, em consequência, a situação agravou-se, o que motivou transferência do pequeno núcleo para um novo local mais próximo da terra povoada. Essa providência visava, principalmente, o recrutamento de pessoal necessário, em vista das deserções de soldados. O fato foi registrado em relatório, que dizia: “Ihe não ficaram mais que dezoito soldados mancos e por isso não foram embora com os outros e dos índios só um chamado Gonçalo, porque também os outros fugiram.” Varnhagem faz a seguinte referência: “Apesar do completo malogro dessa tentativa para se colonizar o Ceará, ela não foi de todo infrutuosa; o território por essa banda foi explorado, ficando em todo caso, no Brasil, alguns que

se fizeram práticos deles entre os quais devemos contemplar em primeiro lugar a Martim Soares Moreno (um dos oficiais da expedição) que depois veio a ser o verdadeiro fundador da capitania do Ceará.”

A expedição de Pedro Coelho confirmara a presença dos franceses na região, o que motivou novas medidas do governo. Foram então criadas, em 1611, três capitanias: Jaguaribe ou Ceará, Porto de Camocim e a terceira no Maranhão, que estava ocupada pelos franceses. O governador do Brasil, D. Diogo, incumbiu Martim Soares Moreno de fundar a primeira feitoria no Ceará.

Martim Soares Moreno e seus índios, ao chegarem na nova capitania, foram informados da presença, no porto do Ceará, de um navio francês que ali estava fundeado. Atacou o objetivo, obtendo sucesso; os franceses derrotados foram feitos prisioneiros, e o navio e duas lanchas, aprisionados.

O governador geral, sabedor da operação de guerra realizada e do seu resultado, determinou que



Vista da área do fortin de São Sebastião,
à margem do rio Ceará

um pequeno efetivo de soldados e um sacerdote fossem para o Ceará, erguendo no local, na Baía de Mucuripe, um forte com o nome de São Sebastião e uma igreja. Esta área de defesa deu origem a atual cidade de Fortaleza, a qual serviria como base de operações contra os navios estrangeiros que operavam na região.

Em 1616, no deslocamento marítimo do Maranhão para o Ceará, durante a viagem, uma violenta tempestade desviou o navio da rota, indo aportar na Ilha de São Domingos. De lá, a caminho da Europa, atacado por corsários, foi levado para a França, onde permaneceu preso por dez meses. Condenado à morte, foi libertado por gestões diplomáticas da corte espanhola.

De retorno a Portugal, em 1619, Martim Soares Moreno, foi nomeado o primeiro capitão-mor do Ceará, como recompensa pelos serviços prestados, tomando posse em 1621, tendo, por dez anos, consolidado e feito florescer sua capitania. Em, 1631,

partiu para Pernambuco, onde se destacou nas lutas contra os holandeses, alcançando o título de mestre-de-campo. Nunca mais voltou ao Ceará.

Em 1631, Domingos da Veiga, sobrinho de Martim Soares Moreno, tomou posse como o novo capitão-mor da capitania do Ceará.

A fase holandesa

A resistência indígena foi um dos fatores que levou à destruição do Forte de São Sebastião, conforme ilustra o texto de um cronista do Conde de Nassau, em 1637: “os índios moradores do Ceará pediram paz e ofereceram o seu auxílio contra os portugueses, rogando ao Conde que sujeitasse ao seu poder o forte dali, ocupado pelos lusitanos, protegendo-lhes a gente contra as injúrias e a dominação deles.”

George Garstman não teve dificuldade em tomar o forte. Este tinha um grande perímetro,



suas paredes eram fracas estacadas de madeira, controladas apenas por duas casas fortes em ângulos opostos do quadrilátero fortificado, armadas somente com três peças de canhão. Este fato ocorreu em 26 de outubro de 1638, sendo a região dominada durante sete anos, quando os holandeses foram expulsos pelos indígenas e o Forte de São Sebastião destruído.

Mas, mesmo com a destruição da colônia holandesa e do forte, a posição ainda mantinha sua importância estratégica. O Ceará passava a ser uma “terra de ninguém”, entre as colônias portuguesas do Estado do Maranhão e o Rio Grande do Norte, ocupado pelos batavos. Contudo, no ano seguinte

à revolta do Maranhão, Pernambuco também se levantou contra os invasores, o que certamente dificultaria qualquer empreendimento militar da Companhia das Índias Holandesas.

Mesmo assim, e mesmo depois das duas grandes derrotas em Guararapes, uma nova expedição ao Ceará foi montada e seria comandada pelo Coronel Matias Beck, que, no dia 3 de abril de 1649, aportou na enseada do Mucuripe. Começou, então, a explorar a costa para instalar um novo forte, escolhendo a enseada de Mucuripe, às margens do Pajeú, para construir o forte projetado pelo Engenheiro Richard Caar.

Esse pequeno forte recebeu o nome de Schoonemborch, em homenagem ao governador holandês de Pernambuco, e era composto de um reduto central, cer-

cado por uma paliçada e, servindo de armazém, uma frente com um baluarte ladeado por dois meio-baluartes e os fundos em forma de redente, tudo de dimensões bem reduzidas, apropriadas para a pequena guarnição existente. O forte, contudo, tinha uma característica bem típica da arquitetura militar holandesa, que era o uso de água associado a muros de faxina (terra batida).

De qualquer forma, era uma fortificação muito mais relevante que o antigo forte de São Sebastião, inclusive por causa do armamento, um total de 11 canhões, apesar de serem de pequeno calibre.

Não há notícias sobre ações militares envolvendo o Forte de Schoonemborch durante o resto do



Vila da Fortaleza, 1811

período holandês. Com a capitulação da Taborda, em 1654, a capitania foi incluída nos termos, sendo devolvida aos portugueses, que mudaram o nome do antigo forte holandês para o de Nossa Senhora da Assunção. Muitos autores consideram a sua construção a origem da cidade de Fortaleza, pois, em torno dele, iniciava-se um processo de ocupação da região com a edificação de choupanas e palhoças.

A decadência

Logo após o domínio holandês, o forte foi reparado e deu-se início à construção de uma capela. Em 1656, foi autorizada a construção de uma nova posição em pedra, que não foi executada, e o forte holandês foi caindo em ruínas e desapareceu – um destino comum aos fortes construídos de terra, muito sujeitos aos danos causados pelas chuvas e ven-

tos. Uma nova fortificação teve de ser erguida no local, em data não especificada, provavelmente em 1660, pois a cidade ainda estava sob a ameaça dos ataques indígenas.

Quando diminuiu o perigo dos ataques indígenas, também diminuiu a necessidade de uma fortificação onde os moradores pudessem se abrigar de suas investidas. Entretanto, a importância estratégica da posição continuava, apesar de não justificar uma construção de características mais permanentes. As paredes de faxina ou madeira, apesar de eficientes do ponto de vista militar, eram susceptíveis aos danos causados pelas intempéries, e o forte teve de ser totalmente reedificado em 1698, mas ainda em madeira e com pequenas dimensões.

A criação do município de Fortaleza ocorreu em março de 1725, quando o pequeno núcleo populacional em torno do forte foi elevado à

condição de vila, ocorrendo a inauguração festiva em 13 de abril de 1726.

No período dos conflitos de meados do século XVIII (Guerra dos Sete Anos), pensou-se em construir um novo forte no local, seguindo um traçado aproximado ao do Forte Schoonemborch, pois o risco de invasões estrangeiras era alto. Alguma coi-

sa, contudo, se fez, pois, em 1800, a vila era defendida por um pequeno forte de terra, secundado por outro no Mucuripe (do qual, ainda hoje, podem ser vistos vestígios ao lado do antigo farol). Essa defesa, podemos supor, tenha sido resultado de um esforço defensivo no contexto das ameaças externas ao Brasil, que se multiplicaram no final do século. Cer-

tamente, não era o antigo forte da vila, que se encontrava no meio das casas e não na praia como o novo, cuja defesa era eminentemente costeira, pois só defendia o lado do mar.

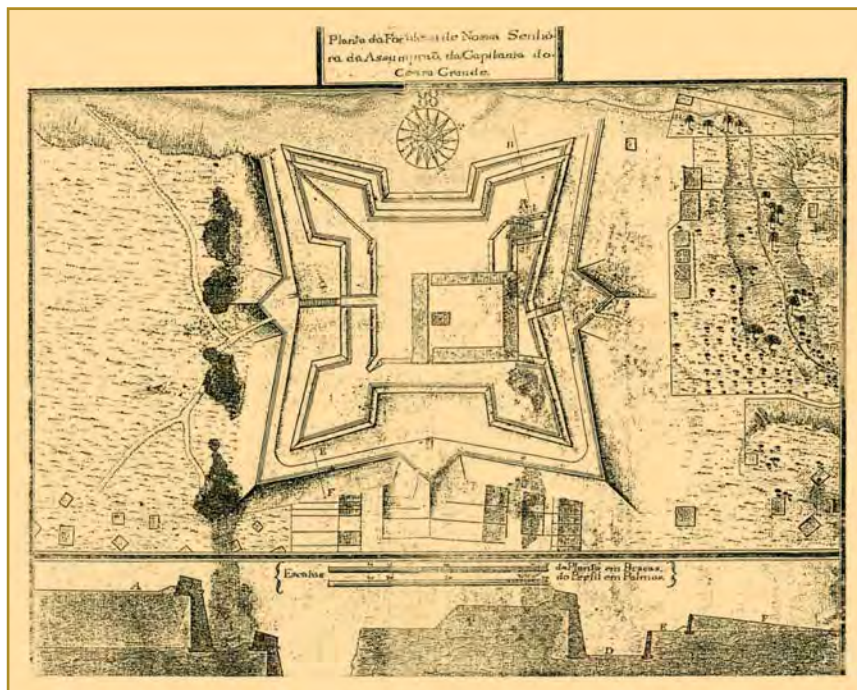
De qualquer forma, como muitos dos outros fortes construídos emergencialmente nesse período, a falta de manutenção fez com que logo voltasse ao estado de ruína.

A construção

Ao longo dos anos, várias reformas foram feitas, porém, a manutenção era muito precária, o que contribuiu para que, no ano de 1812, o forte viesse a desmoronar.

Finalmente, a partir deste ano, foram tomadas medidas para se construir uma posição permanente. O Engenheiro Militar Antônio da Silva Paulet foi encarregado de confeccionar o projeto e acompanhar a sua construção, cujos gastos iniciais foram pagos, em grande parte, por subscrição popular.

A fortaleza seria edificada num quadrado de 90 metros de lado, constando de quatro baluar-



Planta da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, 1825



Óleo sobre tela (ampliação) de João Jorge (1995). Acervo da 10ª Região Militar

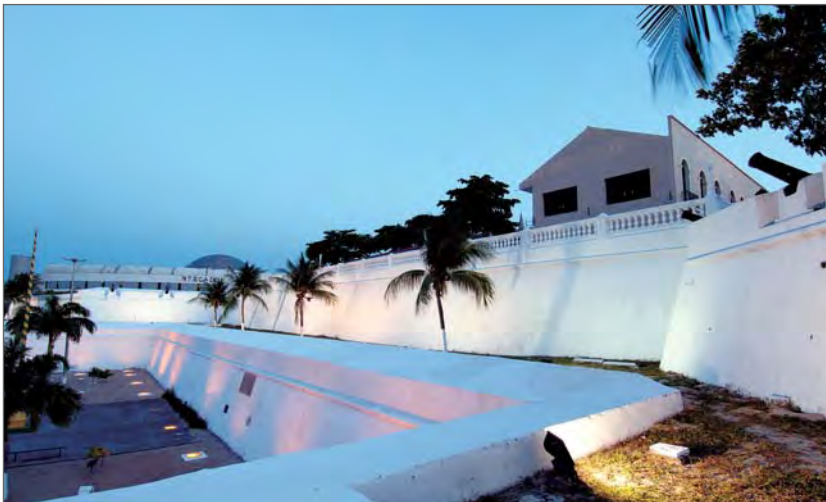


tes, com as seguintes denominações: o do norte, com a invocação da Nossa Senhora de Assunção; o do sudeste, com a invocação a São José, o do sudoeste, denominado Príncipe da Beira; e o do nordeste, em homenagem a Dom João.



Em 1817, mesmo com a construção incompleta, foi colocada uma lápide, em latim, na parte externa da muralha do norte. Na página ao lado temos a imagem e abaixo, a tradução da inscrição:

“Ano de 1817. As naus escarneciam de mim, quando eu era um monte informe: agora, que sou uma grande fortaleza, de longe tomam-se de respeito. Aqui reinando D. João VI, Sampaio me fundou bela, o engenho de Paulet resplandece. Os donativos dos cidadãos me tornam forte pelas muralhas, e os dispêndios reais me fazem forte pelas armas.”



Em 1831, com a abdicação de D. Pedro I, houve uma profunda modificação na doutrina militar brasileira. Decidiu-se então desativar todo o complexo defensivo construído pelos portugueses, concentrando os meios de ação no exército regular móvel e na marinha de guerra, mais capazes de reagir rapidamente contra uma invasão em locais onde não houvesse defesas permanentes. Era um pensamento coerente, considerando a grande extensão do litoral, impossível de ser defendido por fortes, cujos canhões alcançavam no máximo três quilômetros de distância. O efeito dessa diretriz nas forti-



Fotos: Alex Uchôa



Após 1831, a nova doutrina militar brasileira desativou o complexo defensivo existente. As obras de construção pararam quando só estava concluída a face para o mar, suficiente para garantir a defesa do porto. Nas fotos, vistas parciais das muralhas e os canhões coloniais em posição de defesa



ficações coloniais foi arrasador, uma vez que dezenas de fortes, alguns datando dos primeiros anos da colonização, foram totalmente abandonados e esquecidos.

No caso da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, a medida, ordenada em lei, com respeito ao desarmamento dos fortes, não foi tão severa. A posição continuou guarnecida, mas as obras de construção pararam quando só estava concluída a face para o mar, que era suficiente para garantir a defesa do porto, mas não constituindo uma fortaleza, pois



Fotos: Alex Uchôa



Baluarte — a sentinela vigiava pela ceteira

Foto: Alex Lúbia

era vulnerável à retaguarda, onde a obra não tinha sido concluída.

Isso não impediu que a posição ficasse armada, pois a face que estava pronta permitia a defesa do porto da cidade, possibilitando o uso das muralhas para o emprego dos canhões.

Em 1846, o relatório do Ministério da Guerra dizia que o forte era “de pouca vantagem”, que estaria arruinado, mas que teria vinte canhões. Alguns reparos foram feitos em 1856, permitindo que o mesmo estivesse entre as 17 fortificações classificadas como de “segunda ordem”, que eram os remanescentes de todos os fortes construídos no Brasil desde a sua descoberta.

Aquartelamento

A partir de 1860, o forte foi reequipado com armamento mais potente e moderno, entretanto, as suas instalações foram mais usadas como quartelamento da tropa. Em seus novos prédios, construídos entre 1846 e 1857, abrigaram-se unidades militares como o 11º e



Entrada da 10ª Região Militar. Em primeiro plano a estátua de Sampaio — Patrono da Infantaria



A cidade de Fortaleza envolveu a área do aquartelamento da 10ª RM

Fotos: Alex Uchôa

15º batalhões de infantaria, a Escola Militar do Ceará, o 22º e 23º batalhões de caçadores e outras unidades militares. Atualmente é o QG da 10ª RM.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a 1ª Bateria Independente do 3º Distrito de Artilharia de

Costa foi aquartelada no forte, criando uma expectativa alentadora no seu emprego operacional, mas certamente não mais como defesa ativa, pois suas velhas muralhas eram incapazes de suportar os impactos das granadas de artilharia dos novos canhões.





Vista aérea da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção

Foto: Alex Uchôa

Encerramos a nossa reportagem, destacando alguns personagens que deixaram marcas profundas em nossa história, militares que têm sido exemplos pela bravura, liderança, inteligência e que não mediram esforços em “dedicar-se inteiramente ao serviço da Pátria”. Todos eles passaram por este aquartelamento, e citamos três, entre tantos outros:

Antônio Sampaio

Assentou praça como voluntário no 22º Batalhão de Caçadores no dia 17 de julho de 1830. Prosseguiu a brilhante carreira, chegando ao posto de brigadeiro. Foi herói na Guerra do Paraguai, onde veio a falecer em combate. É o patrono da Arma de Infantaria.

Antonio Tibúrcio Ferreira de Souza

Assentou praça em 26 de junho de 1851. Oficial de Artilharia, destacou-se também na Guerra do Paraguai. Conduziu os bravos cearenses do 26º Bata-

lhão de Voluntários da Pátria de regresso ao lar, após os memoráveis feitos em terras guaranis.

Humberto de Alencar Castello Branco

Foi comandante da Região no período de 10 novembro de 1952 a 21 de maio de 1954 e veio a ser Presidente da República no ano de 1964, morrendo tragicamente em acidente aéreo, no dia 18 de julho de 1967.

E, finalmente, transmitimos aos nossos leitores, que as portas da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção estão abertas para visitaçao. Vá conhecê-la e terá a oportunidade de vivenciar a preciosidade deste patrimônio histórico e constatar a sua importância na memória do Exército.

Paulo Roberto Rodrigues Teixeira – Coronel de Infantaria e Estado-Maior, é natural do Rio de Janeiro. Tem o curso de Estado-Maior e da Escola Superior de Guerra. Atualmente é assessor da FUNCEB e redator-chefe da *Revista DaCultura*.